A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE AUTOPRESERVAÇÃO: NIETZSCHE E A VERDADE ILUSÓRIA

LANGUAGE AS AN INSTRUMENT OF SELF- PRESERVATION: NIETZSCHE AND ILLUSORY TRUTH

Leonardo Yuri da Cruz Brandão¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as reflexões de Friedrich Nietzsche sobre o uso da linguagem como instrumento de autopreservação humana. A partir da obra *Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, examina-se a necessidade incessante do homem de criar metáforas intuitivas e ilusórias para designar objetos do mundo real. Discute-se, ainda, como esse processo leva o homem a enganar a si mesmo, tomando como verdades aquilo que ele próprio constrói como ilusões.

Palavras-chave: Linguagem. Autopreservação. Metáforas intuitivas. Verdade ilusória. Ilusão.

Abstract: This article aims to analyze Friedrich Nietzsche's reflections on the use of language as an instrument of human self-preservation. Drawing from the work *On Truth and Lies in a Nonmoral Sense*, it examines humanity's insatiable need to create intuitive and illusory metaphors to designate objects in the real world. Furthermore, it explores how this process leads humans to deceive themselves, mistaking their own constructed illusions for truths.

Keywords: Language. Self-preservation. Intuitive metaphors. Illusory truth. Illusion.

¹ Graduando do curso de Filosofia pela UFPA, e-mail: yurideprep2@gmail.com.

Introdução

Guiado por seu espírito aniquilador de ilusões e armado de seu naturalismo frio e contundente, Nietzsche parece pavimentar a avenida que “cruzaria rasgando” toda a “floresta abstrata” da tradição metafísica que pretendia dar à filosofia alguma autonomia sobre assuntos de caráter natural e real. A influência do pensamento de Nietzsche no século XX vigorou com a virada linguística que Wittgenstein instaura na filosofia com as suas ponderações no que tange ao que a filosofia deveria ou não falar e se ocupar.

O presente artigo busca expor como Nietzsche analisa o que leva o homem a criar ilusões mediante metáforas que são provenientes de uma capacidade desenvolvida no processo de evolução genética que proporcionou ao ser humano criar e desenvolver um mundo outro, um mundo cheio de simbolismo, que se manifesta através da linguagem. Nossa análise concerne em destacar como o homem, através da utilização da linguagem como um instrumento de autopreservação, criou metáforas que ele eleva como verdades, que são consolidadas ao longo do tempo por convenções mentais sociais. Noções de uma verdade inata, que parece já existir bem antes da existência humana, algo que o homem acredita indiscriminadamente ser real, mas que Nietzsche analisa e bem pontua ser, porém, ilusórias, ou seja, como o processo de afirmar que certas coisas são “X”, ao longo do tempo, são elevadas a verdades absolutas por convenção mental social de que “X” é “X” e não “Y”.

É mediante a linguagem que os seres humanos conseguiram ultrapassar as margens da hostilidade desenfreada, estabelecendo concessões, regras, princípios e leis em uma sociedade organizada. Tudo isso é uma criação abstrata, que tem como agente principal o intelecto. Portanto, tendo em vista esses pontos, vamos analisar o que é a linguagem e no que ela se sustenta.

A linguagem

Diferentemente de outros seres vivos que também vivem em sociedades organizadas – como abelhas, cupins e formigas –, o homem, ao longo de sua existência desenvolveu, através do processo evolutivo, uma habilidade que o fez prevalecer diante dos outros animais que compõem a vida terrestre: a habilidade de se comunicar. Essa comunicação – para além de ruídos – através de sons que transmitem um sentido e um significado, fez com que o homem pudesse ao longo da história do desenvolvimento humano alcançar grandes feitos. É notório que essa habilidade foi determinante no decorrer do processo que levou o homem a ultrapassar o estilo nômade de viver; passar a se estabelecer em lugares fixos, onde ele pôde desenvolver técnicas de agricultura, pasto etc. A comunicação através da linguagem proporcionou ao homem criar línguas naturais particulares, entre tribos, clãs, comunidades e sociedades que o possibilitaram viver em harmonia e segurança. André Comte-Sponville dá uma definição interessante sobre a linguagem:

No sentido lato: toda comunicação por sinais (fala-se, por exemplo, de “linguagem das abelhas”). No sentido estrito, ou especificamente humano: a faculdade de falar (a fala em potência) ou a totalidade das línguas humanas. Nota-se que a linguagem não fala, não pensa, não quer dizer nada, e não é uma língua; é por isso que podemos falar e pensar. A linguagem é apenas uma abstração: somente as falas mas traduzidas em atos, são reais, e elas se utilizam apenas de uma língua particular. Assim, a linguagem é mais ou menos para as línguas e para as falas o que a vida é para as espécies e para os indivíduos: sua soma, ou seu resto. (Comte-Sponville, 2003, p. 352).

A análise do autor acerca do papel da linguagem vai para além da função de transmissão de signos e sinais de natureza “vulgar”. Nietzsche indaga, analisa e critica em sua obra a utilização da linguagem pelo homem como um grande instrumento de autopreservação mediante metáforas intuitivas que ludibriam e lisonjeiam os seus semelhantes. Como vai destacar Rivera (2004 apud Santos, 2010, p. 90), o “tema da linguagem atravessa com uma persistência significativa e peculiar as obras de Nietzsche. É assim porque o problema da linguagem e do seu poder está presente em toda a sua crítica à história da filosofia ocidental”.

Mas, para Nietzsche, o que seria a linguagem? Uma metáfora. Como bem observa Santos, “[...] a linguagem é a “primeira metáfora”, ou seja, a linguagem é a metáfora que possibilita ao homem construir todas as coisas que estão dentro da sociedade (arte, ciência, religião, etc)”. (Santos, 2010, p. 93). Nietzsche dá uma ênfase grande à metáfora. Para o autor, as metáforas são formas intelectuais de fabricar definições para conceituar objetos e coisas do mundo real; isso alimenta o ego do homem de “coisificar” os objetos, ou melhor, de satisfazer seu desejo incessante de dar significado às coisas. É através disso, das metáforas, que criamos, mudamos e redefinimos conceitos e a realidade do segundo mundo – o mundo das abstrações, o mundo do simbolismo, o mundo da convenção. Mediante isso que nos é possível falar de ciência, de criarmos um mundo abstrato com a literatura, formularmos uma constituição, criarmos leis, princípios morais e éticos e depositarmos a nossa fé em entidades transcendentais.

Em *Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*, Nietzsche faz uma indagação interessante acerca da palavra: “O que é uma palavra?” (WL/VM § 1) e ele mesmo responde “a figuração de um estímulo nervoso em sons” (WL/VM § 1). Mas esse som que o autor destaca vai para além de sons emitidos por alguns animais². É um som metafórico. “Um estímulo nervoso, primeiramente transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por sua vez, modelada em um som! Segunda metáfora” (WL/VM § 1). E a cada mudança de ciclo, as

² Aqui há uma diferenciação em relação aos sons emitidos por cada animal. Alguns se utilizam de rugidos para demarcar território, mostrar força e dominância etc. Outros utilizam assobios para atrair a fêmea, ludibriar um predador ou até mesmo atrair uma presa. São sons com um sentido, mas vazios de significado. Já o homem se utiliza do som carregado de significados, como meio de materializar as suas metáforas com a finalidade de promover, definir e estabelecer regras, conceitos, definições e tratados. O som mediante a linguagem se tornou seu instrumento de conservação, sua preservação diante de seu semelhante depende majoritariamente do mais alto grau de sofisticação de suas metáforas. Todo esse esforço possui um único objetivo, o de não entrar em conflito corporal.

metáforas vão se tornando mais sofisticadas, ou seja, uma metáfora de instância maior, de uma polidez e perspicácia mais desenvolvida; de progressão ao infinito.

Toda essa argumentação do autor vai desembocar em como o homem utiliza a linguagem como instrumento de autopreservação. As metáforas são o seu “instrumento” de criação. O cerne das considerações do autor é entendermos como a linguagem nos é útil em um mundo onde ela não pode falar da real definição de um objeto e como a utilizamos para fincarmos acordos convencionais.

Linguagem e autopreservação

Em *Gaia Ciência*, o autor é enfático ao ponderar que a linguagem surge mediante a necessidade de conservação da vida humana. E o grande responsável por seu advento é o intelecto. “É notável que o intelecto seja capaz disso, justamente ele, que foi concedido apenas como meio auxiliar aos mais infelizes, delicados e perecíveis dos seres [...]” (WL/VM § 1), ou seja, o homem percebeu que era bem mais vantajoso se munir de palavras, estabelecendo leis, contratos e enraizando uma noção de verdade e mentira na comunidade, garantindo a integridade física de si e de seus membros do que entrar em conflito hostil, suspendendo a diplomacia e a cordialidade. Com efeito, como ressalta Rivera, a linguagem “não surgiu em função da verdade, ou com o fim de esclarecer a verdade” (2004 apud Santos, 2010, p. 92), mas ela acabou se tornando um meio, um meio pelo qual o homem arquiteta suas metáforas intuitivas e consequentemente se ilude de que sabe a verdade última das coisas, quando no fim das contas é ele mesmo que dá um valor de verdade a algo que convencionalmente se acredita ser verdadeiro.

Em *Humano, demasiado humano*, § 11, Nietzsche dá uma definição interessante sobre essa utilização da linguagem pelo homem. Nietzsche pondera que:

A significação da linguagem para o desenvolvimento da civilização está em que, nela, o homem colocou um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou bastante firme para, apoiado nele, deslocar o restante do mundo de seus gonzos e tornar-se o senhor dele. (MA/HH § 11).

Essa vontade de se tornar senhor de um outro mundo nasce da necessidade humana de conceituar e dominar a natureza. Isso se materializa mediante toda uma criação linguística de conceitos significativos que buscam representar de forma abstrata as coisas do mundo real, ou seja, todo um mundo simbólico, o que Nietzsche vai ponderar ser a realidade “X”, das coisas “X”, que não conseguem ser definidas pelas metáforas que o homem cria para suprir sua necessidade de significar a natureza, mas que ele acredita ser real em um processo de convenção mental. Uma falsa noção de falar “da coisa em si”, falsa noção que a linguagem poderia, como sonhou a metafísica, falar dos objetos reais do mundo, um mundo da essência das coisas, um mundo da verdade primeira, ou verdade em si; um mundo de metáforas que afirmem o que

de fato é um objeto. Mas o homem se esquece de que toda essa criação de um outro mundo, o mundo das metáforas, é obra do seu intelecto, ou seja, “o material de trabalho do filósofo, a linguagem, não poderia provir da essência das coisas” (Braga, 2003, p. 72).

Para Nietzsche em *Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, o intelecto se concebe “como um meio para a conservação do indivíduo” e “desdobra suas forças mestras no disfarce; pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam [...]” (WL/VM § 1) e, com efeito, esse disfarce se mostrou muito útil para esse processo de autopreservação, visto que a redução da barbárie e da hostilidade foi significativa ao longo do desenvolvimento histórico. No § 354 da *Gaia Ciência*, Nietzsche nos indaga “para que em geral consciência, se no principal ela é supérflua?” e em seguida pondera que o refinamento e força da consciência estão sempre em proporção com a aptidão de comunicação de um ser humano (ou animal), e a aptidão de comunicação, por sua vez, em proporção com a necessidade de comunicação. (FW/GC § 354). O autor finaliza seu raciocínio sobre a consciência alegando que “Suposto que essa observação é correta, posso passar à suposição de que consciência em geral só se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicação” (FW/GC § 354) e afirma que “consciência é propriamente apenas uma rede de ligação entre homem e homem...” (FW/GC § 354). Como bem pontua Paula Braga, Nietzsche acreditava que:

Da necessidade de autopreservação e de comunicação eficiente nasceu a linguagem banalizada. Para suprir suas necessidades, o homem teve de se comunicar com outros homens e, antes disso, identificar suas necessidades, criar respostas ao “eu quero”, e assim gerou-se o pensamento consciente. A “consciência” longe de ser um “órgão” ou parte de nosso sistema fisiológico, não passa de uma necessidade e invenção social. (Braga, Paula, 2003, p. 74).

Com efeito, essa relação do homem perante outro homem tem por finalidade o estabelecimento de regras, acordos, pactos e leis. Porque para Nietzsche, o homem, (WL/VM § 1) “ao mesmo tempo por necessidade e tédio, quer existir socialmente e em rebanho, ele precisa de um acordo de paz e se esforça para que pelo menos a máxima *bellum omnium contra omnes*³ desapareça do seu mundo” proporcionando o bom convívio entre eles, a fim de se autopreservar e entrar o mínimo possível em conflitos. Todas essas criações só são possíveis mediante essa capacidade do intelecto humano de usar a linguagem como meio para a propagação de metáforas intuitivas de instância maior, com a finalidade de convencer os demais que seus contratos, tratados, pactos e leis são verdadeiros.

A verdade ilusória

Por muito tempo esse conceito foi objeto de reflexão dentro da filosofia, desde a Grécia antiga, com a trindade da sabedoria (Sócrates, Platão e Aristóteles) e também da reflexão me-

³ Guerra de todos contra todos.

tafísica, que por séculos buscou formular argumentos convincentes para definir a sua essência. Muito se teorizou sobre o que era a verdade. Como se alcançava. Qual era a sua forma mais pura. O que ela era em si. Para sermos mais íntegros em nossa análise, vamos a algumas definições de verdade. Segundo André Comte-Sponville verdade é “o que é verdadeiro, ou o fato de sê-lo, ou o caráter do que o é. Trata-se, pois, de uma abstração (a verdade não existe: só há fatos ou enunciados verdadeiros.” (2003, p. 622). Essa é uma definição contemporânea do conceito de verdade, que foi influenciado por Nietzsche.

Já Nietzsche, no século XIX, faz uma definição do que seria a verdade e sua definição é bem contundente. Em *Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral*, § 1, Nietzsche nos dá a sua definição de verdade:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismo, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias. (WL/VM § 1).

Sólidas e canônicas porque o homem assim as definiu e já está tão enraizado que um objeto de quatro pernas com o topo quadrado ou oval é denominado como mesa que não há a possibilidade de redefinir seu conceito sem afetar a crença dos homens de que, na verdade, o objeto é uma ”*solsteins*”⁴ do que senão uma mesa. Este batalhão móvel de metáforas é toda a criação intelectual de conceitos do homem para a sua autopreservação. A verdade segundo as ponderações do autor não existe; ela não existe na natureza. Não há um objeto correspondente à verdade neste planeta, quiçá, nem no universo. É apenas uma metáfora, de patente maior, “as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (WL/VM § 1).

Com efeito, fica evidente que as ponderações de Nietzsche no que tange a essa utilização da linguagem na elaboração de verdades elementares nada mais é que uma espécie de alento, um consolo e uma arma para que o ser humano possa tanto satisfazer seu desejo incessante de dominar a natureza através de definições conceituais como também para fundamentar regras de segurança e diplomacia que servem como instrumento para a autopreservação humana.

Podemos observar essa característica que salienta Nietzsche da seguinte forma; o autor ressalta que o homem se engana quando acha que possui a verdade em seu mais alto grau, pois as suas ponderações acerca dos objetos da natureza já estão tão enraizadas⁵ na crença da socie-

⁴ Um nome aleatório que poderia redefinir o conceito de mesa. Um exemplo interessante desta redefinição de conceitos em relação a algo que a sociedade antes conhecia por um nome e ao passar do tempo ganha outra definição consiste no próprio conceito de mentira. Hoje em dia uma informação falsa não é mais entendida com o termo de mentira, mas sim de Fake News. É evidente que ao longo do tempo a própria sociedade redefiniu algo que antes ela mesma tinha produzido.

⁵ Como no caso, se um homem, hipoteticamente, perguntar a um ser residente de outro planeta, qual é o nome da

dade que o próprio homem acaba esquecendo que fora ele próprio quem determinou isso, como destaca o autor:

Somente por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a supor que possui uma “verdade” no grau acima designado. Se ele não quiser contentar-se com a verdade na forma de tautologia, isto é, com os estojos vazios, comprará eternamente ilusões por verdades (WL/VM § 1).

Esquecemos que somos nós mesmos que definimos as coisas, assim como também redefinimos, e o valor moral de cada coisa é o homem quem atribui; como muito bem ressalta Paula Braga (2003 apud Santos, 2010, p. 90.), no “projeto de transvalorização dos valores, Nietzsche ataca a pretensão da linguagem de ser veículo para a cristalização da verdade”, que seria a pretensão do homem na sua necessidade insatisfatória de possuir a verdade das coisas. O homem então começa a classificar e dividir os objetos como se as definições que ele dá fossem de fato verdadeiras e correspondentes aos objetos. Passa-se então a acreditar que sabemos algo das coisas mesmas, principalmente quando falamos de árvores, cores, neve e flores. Mas vale lembrar que não possuímos nada além de metáforas das coisas, metáforas que em nenhum momento corresponde às entidades de origem (WL/VM § 1). Nietzsche é lúcido ao ponderar que tudo o que eleva o homem em relação ao animal depende dessa aptidão de liquefazer as metáforas intuitivas em um esquema, de dissolver uma imagem em conceitos (WL/VM § 1). Em *Considerações extemporâneas*, § 26, como bem destaca Santos, Nietzsche afirma que:

O ser humano não possui domínio da palavra. A palavra é fugida. Quando o homem pensa que dominou a palavra, ela já fugiu do seu controle. Por causa disso o homem nunca domina a palavra e, por conseguinte, nunca possui a verdade (Santos, 2010, p. 91).

Com efeito, o que resta ao homem, segundo Nietzsche, é crer em suas metáforas intuitivas, crer num mundo onde ele acredita ser dono e saber das coisas últimas dele. Se iludir com a sua construção conceitual, como um gênio construtivo, o homem se eleva, nessa medida, acima da abelha: esta constrói com cera, que recolhe da natureza, ele com a matéria muito mais tênue dos conceitos, que antes tem de fabricar a partir de si mesmo (WL/VM § 1).

Quando alguém esconde uma coisa atrás de um arbusto, vai procurá-la ali mesmo e a encontra, não há muito que gabar nesse procurar e encontrar: e é assim que se passa com o procurar e encontrar da “verdade” no interior do distrito da razão. Se forjo a definição de animal mamífero e em seguida declaro, depois de inspecionar um camelo: “vejam, um animal mamífero”, com isso decerto uma verdade é trazida à luz, mas ela é de valor limitado, quero dizer, é cabalmente

cor que aqui na terra, acreditamos ser vermelha e, caso a resposta for outra senão “vermelho”, o homem acredita ser o possuidor da verdade mais elevada quanto à definição metafórica da frequência das ondas do espectro que o ser humano definiu como cor vermelha.

antropomórfica e não contém um único ponto que seja “verdadeiro em si”, efetivo e universalmente válido, sem levar em conta o homem. (WL/VM § 1).

Ou seja, é o próprio homem quem cria suas verdades, como alguém que esconde algo atrás dos arbustos e vai procurar justamente onde escondeu. As definições das coisas no mundo, suas criações conceituais nada mais são do que um amontoado de metáforas, metonímias e antropomorfismo que o homem se utiliza através da linguagem para criar seu mundo de significações, definições e redefinições, como uma moeda gasta, que um dia, mediante a convenção dos homens que o seu valor X valia verdadeiramente X, hoje não passa de um metal gasto sem valor, ou seja, houve uma redefinição metafórica de sua utilidade.

Conclusão

Com tudo, são essas as críticas de Nietzsche quanto à utilização da linguagem como instrumento de criação de verdades ilusórias, que são meios para a autopreservação. Da necessidade avassaladora do homem de buscar dar significado aos objetos do mundo, de iludir-se de que sabe a essência mais sublime dos objetos; da sua pretensão de falar da verdade última de uma rocha como se fosse algo verdadeiro. Toda a crítica que pondera Nietzsche é centralizada para a aniquilação das pretensões da metafísica de falar da verdade como se fosse algo real. Como bem destaca Santos, “segundo Nietzsche, em *Além do bem e do mal*, § 20, é por causa dessa dupla ilusão, isto é, a metafísica e a verdade, que o homem vive aprisionado pelo “encanto da gramática”.

Com efeito, nosso artigo buscou elucidar de forma analítica as ponderações de Friedrich Nietzsche no que tange a essa característica humana de se utilizar da linguagem como um instrumento para sua autopreservação e conseqüentemente, na criação de metáforas intuitivas sofisticadas com o objetivo de suprir a necessidade irredutível do homem de dominar a natureza. Fica claro no nosso artigo a crítica do autor à metafísica e qual seria o papel da linguagem na história do desenvolvimento humano.

Portanto, entendemos que o homem está fadado a viver em um mundo outro, um mundo ilusório; uma ilusão prazerosa na medida em que satisfaz o ego humano no que tange à necessidade insaciável de explorar, coisificar, classificar, conceituar, moralizar a si e a natureza. Ficando assim, ao homem, destinado a viver em um mundo de ilusões, de verdades ilusórias que ele mesmo cria para suprir sua necessidade de conhecimento, de achar que sabe da essência última das coisas.

Referências

BRAGA, Paula. **A linguagem em Nietzsche**: as Palavras e os Pensamentos. Cadernos Nietzsche. São Paulo, v. 14, p. 71-82. Maio. 2003.

COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico** / André Comte-Sponville. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. **Nos limites da linguagem**: Nietzsche e a expressão vital da dança. In: Cadernos Nietzsche, n. 14, 2003, p. 83-104.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____. **Gaia ciência**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

_____. **Sobre a verdade e mentira**. Tradução: Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

SANTOS, Ivanaldo. **Nietzsche e a linguagem**. Saberes. Natal-RN, v. 1. n. 4, Jun. 2010.